

miguilim

revista eletrônica do neêli

volume 7, número 2, maio-ago. 2018

EXERCÍCIOS DE SER CRIANÇA: SUJEITO E INFÂNCIA EM ARNALDO ANTUNES E MANOEL DE BARROS



EXERCISES OF BEING A CHILD: SUBJECT AND CHILDHOOD IN ARNALDO ANTUNES AND MANOEL DE BARROS

Anísio Batista PEREIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 20/05/2018 • APROVADO EM 01/08/2018

Resumo

O presente estudo objetiva refletir sobre a construção da infância em poemas dos escritores integrantes da literatura brasileira contemporânea, Arnaldo Antunes e Manoel de Barros, mais especificamente nos livros *As Coisas* (ANTUNES, 1992) e *O livro das ignoranças* (BARROS, 1993). Como suporte teórico-metodológico para as análises, foram adotados pressupostos ligados à análise de discurso de vertente francesa, mais precisamente conceitos de sujeito e discurso defendidos pelo filósofo Michel Foucault (1981; 2008; 2016). Além disso, teóricos que abordam a temática em questão, como Kohan (2003; 2007), Larrosa (2006) e o conceito de devir defendido por Deleuze e Guattari (1997) que consideramos pertinente para este trabalho. Pelas análises dos poemas contidos nos livros supracitados, conclui-se que a infância é construída não sob o ponto de vista cronológico, mas como potência criativa, cujo sujeito é tomado como devir-criança.

Abstract

The present study aims to reflect on the construction of childhood in poems of writers who are part of contemporary Brazilian literature, Arnaldo Antunes and Manoel de Barros, more specifically in the books *As Coisas* (ANTUNES, 1992) and *O livro das ignoranças* (BARROS, 1993). As a theoretical-methodological support for the analyzes, assumptions were adopted in French discourse analysis, more precisely concepts of subject and discourse defended by the philosopher Michel Foucault (1981, 2008, 2016). In addition, theorists who approach the subject in question, such as Kohan (2003; 2007), Larrosa (2006) and the concept of becoming defended by Deleuze and Guattari (1997) that we consider pertinent to this work. From the analysis of the poems contained in the aforementioned books, it is concluded that childhood is constructed not from a chronological point of view, but as a creative power, whose subject is taken as becoming-child.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Infância. Arnaldo Antunes. Manoel de Barros.

KEYWORDS: Subject. Childhood. Arnaldo Antunes. Manoel de Barros.

Texto integral

Palavras primeiras...

O presente trabalho consiste em discussões sobre a construção da infância na poesia brasileira contemporânea, com ênfase aos autores Arnaldo Antunes e Manoel de Barros¹. Para este estudo, foram escolhidas as obras *As coisas* e *O livro das ignoranças*, dos respectivos autores, com enfoque no tema “infância”, o qual será tratado nas referidas obras.

Este trabalho teve como meta abrir uma perspectiva de leitura da obra de Arnaldo Antunes e Manoel de Barros, articulando a poética desses autores com o universo infantil, conciliando poesia e infância, escrita e devir-criança. Com isso, pretendemos verificar como se dá esse diálogo com a infância no livro *As Coisas* (Antunes) e no *O Livro das Ignoranças* (Barros), pois, acreditamos que o devir-criança funciona como uma estratégia discursiva ligada à poética de ambos, capaz de oferecer outras possibilidades de repensar a escrita, a subjetividade e a história.

Nesse sentido, este trabalho pretende discutir, em um primeiro momento, reflexões sobre a poesia brasileira contemporânea, situando os poetas escolhidos para a pesquisa, bem como suas características poéticas; em seguida, tecer apontamentos sobre infância e relacioná-la ao ser de linguagem que se apresenta em Michel Foucault, para, em seguida, pensar a infância como potência criadora desvinculada de faixa etária ou etapa evolutiva da vida; por fim, desenvolvemos a leitura de alguns poemas das obras supracitadas, focalizando a aproximação entre poesia e infância, norteadas as reflexões para as considerações finais.

1 Alguns apontamentos sobre a Poesia Brasileira Contemporânea

Diante do estudo proposto, fazem-se necessários alguns apontamentos² sobre a produção poética brasileira contemporânea, no intuito de problematizar as condições de possibilidade da produção discursiva literária no contexto em questão. Assim, para Foucault (2008), um enunciado é produzido a partir de suas condições de existência, fator que o torna singular, no momento histórico de sua emergência. Frente a essa proposta, considera-se que o desenvolvimento literário brasileiro, como não poderia deixar de ser, está intimamente ligado ao desenvolvimento industrial e tecnológico. Aliadas a esses aspectos, sobressaem as crises nos campos social e político, sobretudo nos anos sessenta e setenta do século XX, época em que se dá um afloramento no universo da cultura brasileira. É nesse período que surge a Bossa Nova, a Televisão, o Teatro e o Cinema. Nos anos sessenta do século XX, destaca-se o Tropicalismo e nos setenta, a Poesia Marginal.

Partindo para a poesia contemporânea propriamente dita (pela maior aproximação ao tempo presente), vale considerar que a mesma acontece num cenário de transformação do mercado cultural, pela massificação dessa cultura em nível internacional. Contudo, se por um lado é possível categorizar um perfil profissional do poeta 90, por outro vale dizer que não há um perfil padrão no que tange tanto a sua linguagem quanto as suas temáticas poéticas. Sobre esse aspecto da poesia contemporânea, Hollanda (2001, p. 11) defende que:

À distância, a produção poética contemporânea se mostra como uma confluência de linguagens, um emaranhado de formas e temáticas sem estilos ou referências definidas. Nesse conjunto, salta aos olhos uma surpreendente pluralidade de vozes, o primeiro diferencial significativo dessa poesia.

De acordo com as considerações de alguns estudiosos, tais como Diniz (2006), Hollanda (2001), Moriconi (2002) e Capela (2006), para citar esses exemplos, entende-se que a poesia contemporânea não obedece a um estilo, se diferenciando, nesse sentido, das gerações anteriores. Destaque para o termo “pluralidade”, o qual deve ser tomado como ponto de partida no que tange ao contemporâneo. Sobre as considerações em destaque, percebe-se a emergência de novos grupos de escritores no campo da poesia, formado por mulheres negras e de grupos jovens.

Em se tratando da heterogeneidade da poesia brasileira contemporânea, as considerações de Ferraz (2006) corroboram as afirmações de Hollanda (2001):

Já não há qualquer novidade na afirmação de que a poesia brasileira atual apresenta uma larga diversidade que impede a delimitação de um quadro hegemônico. E também não será difícil observar que na convivência de linhagens está em cena, sobretudo, o trato com diferentes “formas” e “tons”: o verso livre

convive com a metrificação; o soneto com o espaço concretista; o coloquial com o registro culto e elevado; a construção com o fluxo surrealista. (FERRAZ, 2006, p. 42).

De acordo com as considerações dos autores, entende-se que a poesia contemporânea da geração dos anos 1990 não obedece a um estilo, se diferenciando, nesse sentido, das gerações anteriores. Essas diferenciações se enquadram nas problematizações discursivas foucaultianas do ponto de vista da descontinuidade, tendo em vista que, para esse teórico, os discursos são pautados pela ruptura e dispersão. No entanto, apesar de se mostrar um estilo, digamos, próprio, vale considerar que a poesia atual mantém fortes laços com as gerações anteriores, bem quando se destaca o concretismo e o surrealismo. Isto é, a poesia contemporânea, apesar de não seguir uma regra padrão como a literatura tradicional³, apresenta características que estão ligadas a estilos anteriores.

Por outro lado, percebe-se uma associação de mídias no que tange à poesia brasileira do século XX, apontando, sobretudo, para uma nítida relação entre poesia e letra de música, assim como aconteceu na década de 1960 no Tropicalismo. Acontece, assim, uma relação cultural multimídia em se tratando da arte poética. Nesse sentido, vale considerar que a música tem forte ligação com a produção poética propriamente dita, em que o termo multimídia ganha o significado de arte literária por meio da imagem, som e escrita, estabelecendo um cenário multimídia na sua realização. Nesse cenário, vale destacar que o poeta Arnaldo Antunes inicia seu processo de composição na música, no contexto do *rock* da década de 1980, partindo, posteriormente, para a produção livresca.

Apontando para outro ângulo que caracteriza a poesia contemporânea, em se tratando de sua linguagem, Bosi (2006, p. 49) defende que “cada qual com uma linguagem inconfundível, estes poetas se consomem na fatura do verso a ponto de neles identificarmos menos o sujeito particular e muito mais a palavra concreta de nossa época (da qual também participamos)”.

De acordo com as palavras de Bosi (2006), entende-se que apesar da heterogeneidade de estilos, ou seja, não havendo um perfil padrão entre os poetas, os mesmos lançam mão de uma linguagem própria identificável e acessível para os leitores. Este fator esclarece individualidades identificáveis contidas nos escritores, seja pela linguagem ou estilo poético. Contudo, não é possível dizer que há uma ruptura com padrões tradicionais, mas uma evolução histórica na criação artístico-literária que direciona para uma modernização nos seus formatos.

Outro fator que merece destaque no cenário da literatura contemporânea são os meios de divulgação, os quais estão diretamente ligados ao consumo massificado desse segmento cultural. De acordo com Hollanda (2001, p. 12):

Outro reduto inesperado de circulação da produção das minorias vai ser o ambiente da internet, que abriga boa parte da poesia negra, a poesia específica das mulheres negras, grupos jovens como o Manguê *Beat*, poetas ligados ao MST ou ao Viva Rio. Essas vozes, liberadas do compromisso com os critérios tradicionais de

qualidade literária, interagem confortavelmente no ambiente virtual e democratizado da internet, colocando-se muitas vezes lado a lado com os movimentos sociais.

Sobre as considerações em destaque, percebe-se a emergência de especificidades no campo da poesia, tais como a poesia de mulheres negras e de grupos jovens. Sobre o veículo virtual de divulgação da poesia contemporânea, Diniz (2006) entra em consonância com as considerações de Hollanda, traçando um paralelo com os anos 1970:

Pessoal e marginal ao mercado editorial, o blog, guardando-se as devidas diferenças, pode ser considerado uma versão digital do que o mimeógrafo foi para a geração de 1970, um espaço de experimentação de uma escrita que em muitos casos recobra a leveza e o descompromisso próprio de um suporte marcado por sua efemeridade e despreensão. (HOLLANDA, 2001, p. 52).

Pelas palavras destacadas, é considerável afirmar que o meio de divulgação eletrônico facilita o acesso à cultura (poesia), como condição de possibilidade dessa disseminação literária no período em questão, a qual é veiculada com facilidade no meio social virtual, indo ao encontro direto com os movimentos, ou seja, com a realidade a qual ela se refere. E essa interação, por meio da internet, coloca um cenário “informal” em evidência. Além da internet, muitos dos críticos e poetas contemporâneos publicam em revistas e jornais.

Feitas essas observações, concordamos com Hollanda (2001) quando reitera que a produção poética contemporânea caracteriza-se por uma pluralidade de tendências estéticas e pela ausência de um rótulo capaz de englobar toda a produção em torno de características específicas. Nesse contexto, desaparece a necessidade do termo “escola literária” tal como fora concebido em outros períodos literários no Brasil.

Com isso, queremos ressaltar que essa produção poética precisa ser experimentada pelos elementos que a compõem e não em contraposição ao passado mais próximo. O critério de valorização não pode ser caracterizado pela comparação com o modernismo, por exemplo. É nesse cenário plural e diverso que se enquadram os poetas que estamos estudando, em que as problematizações serão ampliadas mais adiante.

2 Arnaldo Antunes e Manoel de Barros: apontamentos para uma possível aproximação

Em um primeiro momento, a aproximação entre Manoel de Barros, poeta consagrado na literatura brasileira, cuja carreira data dos anos 40 do século XX, e Arnaldo Antunes, jovem poeta e cantor de *rock*, surgido nos anos 80 do mesmo

século, pode parecer distante ou até mesmo estranha. Distante pelo tempo que separam os poetas e estranha pela forma como ambos atuam no cenário artístico brasileiro. Manoel de Barros vem de uma trajetória poética ligada à tradição livresca, da poesia em livros; Antunes, por outro lado, vem do *rock* para a produção em livro, conciliando experiências entre a música *pop*, a palavra cantada e a escrita.

Ainda que pesem algumas diferenças, sejam de trajetória ou de segmentos artísticos, um aspecto comum chama nossa atenção e nos incita a aproximá-los, em um estudo comparativo: trata-se da articulação entre poesia e infância. Cada um dos poetas dialoga com o universo infantil, seja enquanto temática ou traço constitutivo da escrita. Não nos referimos a obras, especificamente, destinadas ao público infantil, mas de produções que constroem uma “zona de vizinhança” com a infância, aqui pensada enquanto potência, força criadora e geradora de novos significados e olhares para as coisas e para o mundo. São esses elementos que interessam ao presente estudo. Nessa acepção, desenvolveremos, a seguir, alguns apontamentos sobre o tema infância, rumando-se para os conceitos ligados ao discurso, sobretudo a constituição do sujeito foucaultiano, para, em seguida, procedermos à discussão poesia e infância nos poetas em destaque.

3 A infância e sua relação com a constituição do sujeito da linguagem segundo Michel Foucault

O suporte teórico-metodológico tomado para este estudo se baseia nos postulados do filósofo Michel Foucault. Nesse contexto, vale destacar que os poemas dos referidos escritores contemporâneos serão analisados como enunciados, justificando considerar a função enunciativa de Michel Foucault (2008) como parte relevante nesse processo. Para esse teórico, um enunciado apresenta uma data de produção, um suporte material e institucional, uma materialidade repetível, um campo associado e uma posição de sujeito, esta como fator chave para análise do *corpus* em questão. Em se tratando do fator sujeito, Foucault (2008, p. 105) defende que:

É absolutamente geral na medida em que o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos.

Nesse cenário, há materializado nos poemas em estudo um sujeito (ou sujeitos) que serão analisados a partir desses pressupostos foucaultianos. A problematização da infância se dará por meio da constituição de sujeito pelo discurso defendido por esse estudioso supracitado, pela noção de ser de

linguagem, que sustenta a construção de uma infância que se apresenta nos poetas em estudo.

Os escritores Arnaldo Antunes e Manoel de Barros abordam a infância de forma recorrente em suas obras. E nos livros em estudo tal fato não é diferente, sendo uma temática que aparece em diversos poemas no decorrer dos mesmos. Assim sendo, vale ressaltar a questão da infância sob a ótica principalmente da educação, fator que possibilita pensar a constituição da infância como uma classe.

A noção de infância como classe social se dá, mais nitidamente, a partir do ponto de vista educacional, isto é, sobretudo no século XV, quando há uma evolução no sistema escolar, fator que vem despertar o sentimento de criança como uma classe separada da dos adultos. Entende-se que acontece um processo de formação da criança por meio da educação e pela separação por faixas etárias. Dessa forma, é considerável que, a partir daí, a criança adquire uma espécie de “identidade” no que tange à formação de uma classe social que até então não era separada de outra classe (a dos adultos).

Observando a infância por outro ângulo, deve-se considerá-la não como um ser que apresenta ausência do que se chama “adulto”, seja pelas atitudes ou pelas dimensões físicas inferiores às de uma pessoa já crescida. Assim, é preciso atentar pela infância como algo singular, independente, apesar de integrar um processo de fase inicial de vida. Frente a essas afirmações, Kohan (2007, p. 31) defende que:

A infância não é só ou, melhor dizendo, não é sobretudo, ausência de adultícia nem de qualquer outra coisa: a infância é muitas outras afirmações além da negação de não ser adultícia; por isso eu gostaria que olhássemos a infância desde ela mesma; decerto, não creio que se possa dizer muito mais, em geral ou em abstrato, sobre esta questão porque na realidade o que há são infâncias, afirmações, singulares, plurais e não “a infância”.

De acordo com Kohan, nas duas obras citadas, a infância não deve ser entendida como uma classe que simplesmente antecede à adulta enquanto processo de maturidade, mas como algo que é sempre novo e único. Apesar de a infância estar associada a alguém ainda “sem identidade”, como popularmente é vista, ela tem de ser percebida como única, a criança como sujeito social, dentro de sua condição enquanto infância.

Acrescentando alguns pontos acerca da infância, vale assegurar algumas questões sobre essa temática. Considera-se que, além da infância enquanto temporalidade cronológica, fase de vida inaugural, é preciso atentar para um outro tipo de infância, a qual se dá dentro da chamada infância minoritária. É o chamado devir-criança, que foge do contexto de naturalidade esperada na infância, uma vez que está intimamente ligada à personalidade que é individual, considerando que seja a parte “sensacional” dessa classe. Esse conceito de devir é defendido por Deleuze e Guattari (1997), cujo significado aparente é “vir a ser”, isto é, algo não fixo, se constitui como um entre-lugar, um imaginário do ponto de vista de

constituição dessa infância, bem como se percebe na tese de Fernandes Júnior (2007), sendo este o objetivo central de seu trabalho ao analisar poemas de Arnaldo Antunes.

Nesse contexto, outro elemento ligado à AD francesa merece destaque, a memória discursiva, conceito courtiniano e tomado por Pêcheux (2002) como condição do pré-construído ou implícito. Foucault (2008), na função enunciativa, destaca o campo associado que, no bojo dessas considerações, também se traduz em memória, ou um “já-dito”. Para esses teóricos, todo discurso é povoado por outros discursos, se constituindo em efeitos de memória. Porém, não se caracteriza apenas pela repetição de outros já produzidos, pelos contextos distintos que atribuem sentidos diferentes. Assim, pela descontinuidade, o enunciado, no momento de sua produção, desestabiliza o pré-construído pelas suas condições de possibilidades vigentes.

Dessa maneira, essa problemática da infância é marcada por uma memória social que a define, sobretudo pelos fatores envolvidos: escola, pouca idade, submisso aos adultos. Nesse contexto, vale considerar que:

Existe também uma outra infância, que habita uma outra temporalidade, outras linhas: a infância minoritária. Essa é a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação. É a infância que interrompe a história, que se encontra num devir minoritário, numa linha de fuga, num detalhe; a infância que resiste aos movimentos concêntricos, arborizados, totalizantes: “a criança autista”, “o aluno nota dez”, “o menino violento”. É a infância como intensidade, um situar-se intensivo no mundo, um sair sempre do “seu” lugar e se situar em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados. (KOHAN, 2007, p. 94-95).

Portanto, verifica-se que na infância minoritária ocorre uma espécie de algo extraordinário, já que acontecem fenômenos que não são naturais do ponto de vista da infância como classe. Essa afirmação convoca para a compreensão de que há infâncias múltiplas, que fogem dos padrões estabelecidos, que fazem pensar a infância como sinônimo de pluralidade, não cabendo o estabelecimento de uma única infância, como algo cristalizado.

Do ponto de vista de ser considerado como sujeito, o ser humano adquire a linguagem, sendo considerada a primeira aquisição para se tornar como sujeito. Esse ser de linguagem, que se constitui por meio das relações de saber e de poder, entra em consonância com os postulados de Foucault. Segundo esse filósofo, os sujeitos estão sempre em relações de poder, este se enquadra no nível do funcionamento e não é possuído por um que se sobrepõe a outro. Trata-se de relações de microforças, microfísicas de poder (FOUCAULT, 1981). Esse poder não é negativo, pois por meio dele se produz sujeitos, as subjetividades, em que os sujeitos se constituem, os quais são sociais e efeitos da exterioridade que os cerca.

Considera-se, sob a ótica dessa teoria, que a linguagem propicia uma relação bastante próxima com a infância, caminhando de mãos dadas. A linguagem desempenha o importante papel de promover a comunicação do ser humano com o mundo e é na infância que se dá esse “entrosamento” com a linguagem.

Partindo para as considerações entre linguagem e infância, Kohan (2003, p. 242) aponta que:

É na infância que cada ser humano se apropria da linguagem e faz do sistema de sinais adquirido um discurso com sentido, isto é, se constitui como sujeito da linguagem ao dizer “eu”. A infância, carente de linguagem, é também sua condição de emergência. Mas também o acesso à infância apenas pode acontecer pela linguagem: infância e linguagem coexistem originariamente: “nunca encontramos o homem separado da linguagem e nunca o vemos no ato de inventá-lo”.

Kohan (2003) deixa claro que a linguagem é a responsável pela constituição da infância, isto é, do ser humano como sujeito. Daí a inserção da infância na condição de ascendente no processo de evolução enquanto ser evolutivo, se valendo da comunicação, da linguagem como condição de se fazer sujeito.

Nessa direção, essa relação com a linguagem resulta na subjetivação do sujeito, tomando-se a verdade como elemento relevante nesse processo. Foucault (2016) problematiza a constituição das subjetividades destacando os regimes de verdade de determinada época:

Há provavelmente em toda cultura, em toda civilização, em toda sociedade, ou pelo menos em nossa cultura, em nossa civilização e em nossa sociedade, certos discursos verdadeiros referentes ao sujeito que, independentemente de seu valor universal de verdade, circulam, têm o peso da verdade e são aceitos como verdade. Em nossa cultura, em nossa civilização, numa sociedade como a nossa, há certos discursos que, institucionalmente ou por consenso, são conhecidos como verdadeiros a partir do sujeito. (FOUCAULT, 2016, p. 12).

Não se tratam de verdades absolutas, mas criadas, que atribuem sentidos aos discursos e das quais os sujeitos se valem em cada momento histórico, provocando as produções de subjetividades. Essa constituição subjetiva entra no jogo de como esse sujeito age consigo mesmo, o cuidado de si, com os outros sujeitos e com o mundo que o cerca. Assim, somadas às relações de poder, os discursos são produzidos em espaços e épocas de acordo com suas condições de possibilidades.

Esse percurso foucaultiano pode ser relacionado às ideias de Larrosa (2006), contidas em *O enigma da infância*, em que a aquisição da linguagem na

infância é considerada como condição de se fazer sujeito. Nesse panorama, vale ressaltar que essas ideias consideram a infância como alvo de reflexões em relação ao saber formado do adulto, como alguém portador de saberes, de personalidade. Nesse ponto de vista, a infância deve ser tomada como referência para se refletir o próprio conhecimento, o poder:

Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. É insistir uma vez mais: as crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não compreendem a nossa língua. (LARROSA, 2006, p. 184).

A citação pode ser relacionada à noção de conhecimento e poder, temas bastante recorrentes na escrita de Foucault. Nessa perspectiva, outro ponto que merece destaque é o processo de aquisição de conhecimento que é abordado, de forma a inquietar o que sabemos e a nossa falta de vontade pela busca desse saber em comparação com o desejo de conhecimento que se observa na infância. Nesse contexto, retornamos à relação entre subjetividade e verdade destacada por Foucault (2016), pela vontade de verdade que sustenta a constituição subjetiva, que se faz sujeito.

Esse poder que se tem sobre a infância está vinculado ao conhecimento, isto é, se o ser humano (adulto) tem conhecimento, ele exerce o domínio sobre quem está ainda em processo (infância):

E se a presença enigmática da infância é a presença de algo radical e irreduzivelmente outro, ter-se-á de passá-la na medida em que sempre nos escapa: na medida em que inquieta o que sabemos (e inquieta a soberba da nossa vontade de saber), na medida em que suspende o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que coloca em questão os lugares que construímos para ela (e a presunção da nossa vontade de abarcá-la). Aí está a vertigem: no como a alteridade da infância nos leva a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder. (LARROSSA, 2006, p. 185).

Frente às proposições do citado teórico, faz sentido um olhar mais atento sobre as questões ligadas à infância, cujas relações de saber e de poder sugerem a ideia de uma relação vertical entre adulto e criança. No entanto, faz sentido perceber a infância a partir de uma vontade de verdade que a constitui. E, pensando nessas questões, nas obras em estudo, considera-se que a infância é

tomada como classe no sentido de personalidade, retratando sua visão ao mesmo tempo curiosa e crítica, e por outro lado aquilo aparentemente óbvio sobre as coisas. E que essa criticidade, digamos, “inocente”, revela um processo de construção sobre as coisas, isto é, pela sua curiosidade acerca daquilo que lhe é novo. Diante de tal situação, a criança formula seus conceitos de forma a revelar um ser em processo de evolução no sentido de se conceituar as coisas que a cercam.

Por outro lado, a criança pode ser relacionada com o poeta, considerando que aquele que escreve, apesar de ser um adulto, apresenta seu lado criança, como quem expressa de forma solta, criando, inventando e fazendo relações entre as coisas. E nas obras em estudo, dos dois poetas, percebe-se que o poeta apresenta semelhança com o universo da infância, se colocando nessa condição para expressar sua visão de mundo diante daquilo que as rodeia.

4 A construção da infância em *As coisas*, de Arnaldo Antunes, e em *O livro das ignoranças*, de Manoel de Barros

O estudo em questão propõe uma análise discursiva das obras *As coisas*, de Arnaldo Antunes (2002) e *O livro das ignoranças*, de Manoel de Barros (1993), ambos integrantes da literatura brasileira contemporânea. Assim, o foco de estudo para as citadas obras é o discurso ligado à infância, a constituição do sujeito materializado nos enunciados. Tanto os livros quanto os poemas foram selecionados pelo fato de materializarem de forma mais aparente um discurso direcionado à infância, sublinhando a proximidade criativa desses dois poetas.

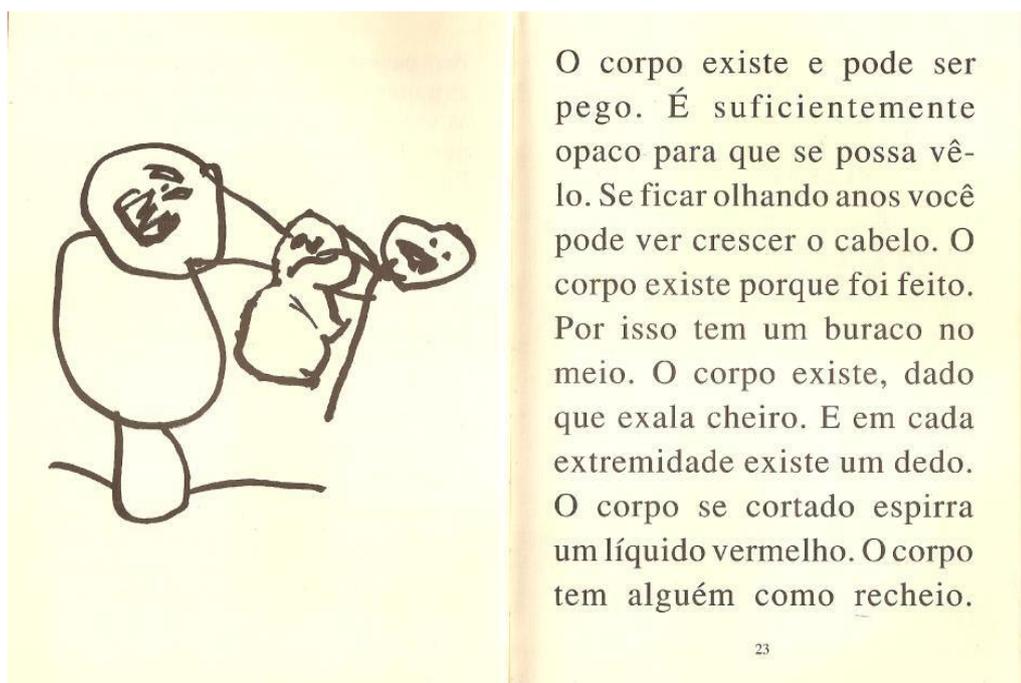
O livro *As coisas* é composto por textos e imagens em constante diálogo. Conta com 42 poemas. Os primeiros foram construídos pelo poeta e os segundos, desenhados por Rosa M. Antunes, filha do poeta que na ocasião contava com três anos de idade. As características desses desenhos contêm traços infantis, revelando a maneira como o lápis é trabalhado no papel, a força, a espessura da tinta e o próprio formato dos desenhos, os quais são, aparentemente, simples e sem requintes de acabamento e finalização. Junto aos desenhos, aparecem os poemas (podendo ser considerados como prosa poética), os quais dialogam com as imagens. Sobre essa consonância entre a linguagem verbal e não verbal contidas ao longo da obra, Sacramento et al. (2002, p. 10) defendem que:

Essa relação entre visualidade e materialidade acaba por compor um todo e assim “o verbal e o visual se misturam como a própria criação se mistura à vida”. Essa pista é-nos revelada pelo índice do livro que remete a numeração dos poemas às imagens. A leitura dessas garatujas nos coloca em um tempo mítico das inscrições rupestres, cujas associações significativas não obedeciam aos automatismos gerados pelos substratos racionalizados do mundo contemporâneo, posto que fugiam às convenções, aos clichês e aos vícios; elas nos remetem, portanto, a uma zona de leitura virginal.

Essa escrita apresenta-se sem adentramento de parágrafo e a mensagem cobre toda a página, com espaços largos entre as frases, ora com letras menores, ora com letras grandes, dependendo de sua extensão textual, expondo, ao leitor, um vocabulário simples e uma sintaxe bem reduzida. Assim sendo, esses textos, aliados aos desenhos, aparentemente rupestres, possibilitam várias leituras; procuram explicitar o universo da infância pelas explicações das “coisas” em relação aos sentidos cristalizados (memória). Considerando as palavras de Foucault (2008), essas materialidades contidas nos enunciados apontam para subjetividades que constituem um sujeito ligado à infância, cujas relações de saber e de poder se fazem presentes. Ainda assim, por um lado, a subjetivação e, por outro, a objetivação desse sujeito é aparentemente arquitetado pelo autor do poema.

No conjunto do livro, os discursos “falam” de vários temas a partir de um olhar que os observa de vários ângulos, tentando definir, seja pelo formato, cor, textura ou função, o que seja uma porta, um corpo, por exemplo. Vejamos o texto escolhido para leitura:

Figura 1 – Reprodução do poema “Corpo” como publicado no livro *As Coisas*.



Fonte: ANTUNES, 2002, p. 23.

Esse poema apresenta no enunciado “O corpo se cortado espirra um líquido vermelho. O corpo tem alguém como recheio”, possibilita duas leituras: a dedução de que o sangue é uma espécie de “recheio” do corpo, da matéria. Considerando o sentido denotativo, essa ideia deixa claro que ter alguém como recheio é empregado no sentido de sangue, o qual se localiza no interior do corpo, sendo

metaforizado, portanto, como recheio. Por outro lado, diante de tal situação, tal passagem deixa clara a complexidade de se entender quem somos, isto é, somos simples matéria que apresenta o sangue (líquido vermelho) como recheio, mas que ao mesmo tempo temos “alguém” como recheio, uma personalidade, algo que nos diferencia dos demais animais e até mesmo dos demais seres humanos. Afinal, não somos apenas matéria.

Ainda sobre o poema “o corpo”, percebe-se que em quase toda sua extensão os enunciados são bem objetivos (o corpo é isso, aquilo, se olhar de um lado vê-se uma coisa, de outro, outra leitura), quase exatos. Porém, o verso final, ao trazer um pronome indefinido (alguém), quebra toda a lógica objetiva/exata anterior, dando abertura ao indefinido que caracteriza a subjetividade que habita cada corpo. Tomando as relações de poder destacadas por Foucault (1981), é possível detectá-las a partir dessas observações do sujeito, definições marcadas pelas relações desse sujeito, tido como criança, com adultos, em que esse ser de linguagem vai se apoderando desses saberes e se constituindo como sujeito, ligado à história.

O poema, em seu conjunto, adota vários ângulos de se olhar uma coisa e aproxima-se do olhar infantil (não no sentido de infantilidade), revelando a forma curiosa da criança em procurar conhecer e entender as coisas que a cercam. Essa curiosidade, uma vez relacionada às considerações de Foucault (2016), nos permite afirmar que se trata de uma vontade de verdade, cujo sujeito apresenta-se como o reflexo dessa exterioridade observável. Assim acontece com o corpo, que é focalizado no poema pelo formato, textura, tamanho, materialidade. São descrições aparentemente óbvias, com frases curtas e simples. No entanto, retornando ao enunciado final, este destoa dos anteriores ao apresentar o pronome indefinido, já citado, deixando o leitor perplexo diante da afirmação “o corpo tem alguém como recheio”. À exatidão dos enunciados anteriores, o poeta contrapõe esse trecho indefinido, desvelando um paradoxo, ou seja, o que diferencia cada corpo, e por tabela cada ser humano, é “esse alguém” que habita cada corpo. A indefinição define.

Esses olhares revelam um raciocínio bastante lógico em relação às coisas, considerando que não se trata de uma simples “coisa” em si, mas considerando suas várias dimensões. Além disso, vale considerar a afirmação de que as coisas não devem ser vistas sob um ângulo estático, mas sob seus vários aspectos. Acerca das construções presentes na escrita de Antunes (2002), a obviedade é um efeito que se constrói nos poemas, chamando a atenção do leitor para aquilo que “parece banal”, mas não é. Assim, nos enunciados, constrói-se uma posição de sujeito que parece ser de criança para poder dizer o que diz. O poeta brinca com essa função sujeito representada por uma criança que quer entender as coisas e o mundo. É como se fosse um olhar inaugural que quer compreender as coisas pela sua cor, função, aparência, tamanho, olhando-a de todos os lados, como se pudesse dar uma definição absoluta.

Partindo para a análise da obra *O livro das ignorâncias*, de Manoel de Barros (1993), percebe-se que o mesmo é dividido em três partes: “Uma didática da invenção”, “Os deslimites da palavra” e “Mundo pequeno”, apresentando várias subdivisões aos poemas. Com uma linguagem mais obscura, isto é, que deixa ao leitor várias possibilidades de leitura, Barros (1993) compõe vários poemas a

partir da temática proposta, os quais aparecem sem títulos e apenas numerados em algarismos romanos.

A obra *O livro das ignorâncias* aborda assuntos diversos, tais como linguagem, elementos da natureza, sentimentos e sensações associadas ao universo infantil. No poema “Uma didática da invenção”, o autor associa a escrita poética ao brincar da criança, mostrando a proximidade entre brincadeira e poesia. Essas temáticas são trabalhadas à maneira como a criança vivencia, ludicamente, a realidade das coisas, apesar de a obra em questão não ser destinada ao público infantil.

No enunciado a seguir, temos uma imagem da memória, demarcada pela ideia de lembrança do tempo da infância. Essa lembrança remonta as brincadeiras da criança no quintal de casa, agora, por algum motivo, “repetidas” pelo sujeito adulto. O tempo presente nos indica um adulto repetindo, como se fosse criança, outro tempo, um outro lugar. Vejamos o enunciado⁴:

Lembro um menino repetindo as tardes naquele quintal. (BARROS, 1993, p. 25).

Nesse trecho, o termo “repetir” apresenta um sentido conotativo, de repetição não de atitudes em si, mas do tempo em que são executadas essas atitudes. Aqui, a repetição pode ser entendida como um processo para a busca de compreensão das coisas, visto que não se trata de simples repetição mecânica, mas de algo que interfere também na mente, daí o processo de aprendizagem. Em outro trecho do poema, o termo “repetir” exerce a função de dar musicalidade e sonoridade, mas pode ser entendida também como um propósito de reforçar/aperfeiçoar aquilo que já foi dito, reforçando a relação criança/poeta, como se observa no fragmento abaixo:

Repetir, repetir - até ficar diferente.

Repetir é um dom de estilo. (BARROS, 1993, p. 11).

O teor metalinguístico deste fragmento sinaliza para a escrita do processo de composição do poema, que se produz a partir do aproveitamento de outros textos já escritos e produzindo a diferença. Repete-se uma frase, um verso, uma rima, um poema, mas o processo de produção não se repete. Do ponto de vista discursivo, essa “não repetição” se direciona para o que Foucault (2008) denomina na função enunciativa de condições históricas de possibilidade que o mantém singular. Isto é, o enunciado é sempre um “jamais-dito”. Como estamos lidando com o universo infantil, poderíamos associar a repetição ao aprendizado da criança que, na maior parte das vezes, repete a linguagem e as atitudes dos adultos, nos quais se espelham, destacando as relações de poder nesse contexto de produção subjetiva.

Outro ponto abordado no discurso manoelino diz respeito à criatividade da criança. Essa criatividade, respaldada pelo ato de criar, inventar, coloca a criança no patamar de um ser criativo, que busca algo novo, significativo. Em outro recorte, há a seguinte passagem:

As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças. (BARROS, 1993, p. 13).

O enunciado sugere que a lógica da criança é construída por outra possibilidade de compreensão das coisas. Talvez, por esse motivo, inventa nome para o que não conhece, faz associações que o adulto, pelo fato de automatizar as coisas (presença da memória), não seja capaz de perceber, estabelecer relações. A escrita do poeta aproxima-se do brincar das crianças, principalmente, pela capacidade de invenção de nomes, de mudar as coisas de lugar, inventar palavras etc. Por outro ângulo, o dizer coisas que não têm nome pode significar o desconhecimento de várias coisas pela criança, ou seja, “não tem nome” para a criança que não o sabe, e que por isso ela acaba inventando, criando, fazendo associações inusitadas. E essas coisas que não têm nome podem ser entendidas como “mais bonitas” pelo fato de serem inventadas ludicamente, caracterizando o universo desse sujeito ligado à infância. Esse discurso sugere perceber a infância como um outro, não no nível de saberes, de inferioridade, bem como alerta Larrosa (2006).

Esse processo de construção de conhecimento das coisas, em que a criança “tropeça” tanto na linguagem quanto no seu sentido real fica evidente no trecho a seguir:

No descomeço era o verbo.

Só depois é que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.

A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.

Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.

E pois.

Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos –

O verbo tem que pegar delírio. (BARROS, 1993, p. 15).

Nesse trecho é evidenciado o jogo de palavras realizado pelo poeta, o qual brinca, muitas vezes, com as palavras, não obedecendo ao sentido denotativo e essa construção proposital está intimamente ligada à arte. O “delirar” do verbo, como escrito no poema, revela outro sentido que é atribuído à palavra pelo poeta, o qual lança mão da arte de “brincar” com as palavras, fazendo, então, “nascimentos”, atribuindo certa elegância de se fazer arte pela escrita.

Por outro lado, a construção poética explícita no trecho está intimamente ligada à infância, pois há um sujeito que atribui um sentido diferente (conotativo) ao verbo delirar, o que, de acordo com a norma culta da língua tal construção estaria incorreta, inadmissível. Mas a passagem “*A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som*” revela um sujeito em processo de construção do conhecimento, sem domínio do saber concreto das coisas. Daí o “delírio” do verbo, isto é, assumindo outro significado. Além disso, vale destacar que a criança não se prende a regras, fazendo associações com mais liberdade. “É a infância como intensidade, um situar-se intensivo no mundo, um sair sempre do ‘seu’ lugar e se situar em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados”, conforme nos aponta Kohan (2007, p. 94-95).

Assim sendo, tanto a construção da criança como a do poeta, como mencionado no poema, revelam outro olhar sobre o sentido das coisas, um criar que, segundo o enunciado, deve existir na construção do poeta para que se torne sua escrita mais interessante. Esse jogo de palavras se constitui como característica predominantemente artístico, independentemente de sua norma gramatical.

Tal estruturação aproxima-se do processo natural de construção do conhecimento pela criança, em que o “erro” se faz presente nesse processo, nas suas relações de saber e de poder que são dadas como inaugurais, constituindo esse sujeito portador dessas subjetividades. Assim sendo, o “erro” deve ser entendido por outra lógica, própria da criança, a qual faz analogias entre as coisas. O erro na poesia também tem seu lado elegante, pois se dá de forma proposital, provocando efeitos de sentido entre palavras e coisas. Além disso, esse “errar” nas palavras apresenta seu efeito de sentido na construção de poemas, podendo ser relacionado com o criar do poeta que, tal como a criança, coloca a linguagem em delírio. Os enunciados desses dois poetas materializam a construção de uma infância na ordem do devir, fator que sugere como não sendo algo cristalizado (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Portanto percebe-se que tanto a obra de Antunes como a de Barros revela uma linguagem mergulhada no universo da infância, em que o poeta se passa por criança e brinca com as palavras, atribuindo um novo significado para elas, desafiando os leitores a tecer relações entre as palavras e seus sentidos no poema e na história.

Para (não) finalizar...

A infância se faz presente em infinitos âmbitos de interação humana e assume várias formas e dimensões. Trata-se de uma temática bastante abrangente. Ainda que lançando mão de uma linguagem complexa para retratar o significado das coisas na visão da criança, a obra *O livro das ignorâncias*, de Manoel de Barros, dialoga com *As coisas*, de Arnaldo Antunes, por materializarem um discurso sobre a infância. Essa subjetividade de “brincar” com as palavras, tal qual faz Barros, imita a brincadeira da criança no seu processo de conhecimento das coisas.

A construção da infância pelos poetas possibilita estabelecer uma nítida relação entre poeta e criança, ora revelada pela repetição, tal qual o poeta brinca com as palavras, ora falando sobre o erro para com a linguagem. Assim, o poeta pode ser considerado uma criança pelo seu espírito curioso e criativo, ambos convergindo para subjetividades semelhantes. Isso pode ser observado não necessariamente por escrever sobre a infância, mas pela condição do escritor que se posiciona, poeticamente, como uma criança (visão subjetiva), fazendo com que ele seja criativo, “corajoso”, no sentido de expor o que se sente, aquilo que parece óbvio para o senso comum.

Os escritores abordam a infância e se colocam como criança, pela sua visão das coisas, atribuindo um sentido próprio da fase inicial da vida, bem como a memória social lhes permite tal construção. Essa curiosidade e definição das coisas que o cercam, provocam reflexões acerca da constituição do sujeito pelas relações de saber e de poder, ligado à história, sempre na ordem do inacabado, cuja vontade de verdade se dá de maneira intensa na materialidade dos enunciados. E, considerando a criança como faixa etária, essa fase inicial da vida, em consonância com o processo inicial de aprendizagem, tal condição possibilita esses escritores se colocarem em estado de criança para abordar seus conceitos. Além disso, fica a questão de que o poeta se assemelha ao sujeito criança, pela sua sensibilidade, bem como pelo criar, inventar, estabelecer relações entre as coisas, incorporando outra infância desvinculada de faixa etária, ou seja, o devir-criança que faz com que a poesia construa uma zona de vizinhança com a infância.

Notas

¹ Esta pesquisa integra um projeto de tese que objetiva problematizar, a partir da AD francesa (Michel Foucault), regularidades convergentes entre esses dois poetas brasileiros no que concerne ao sujeito e à infância.

² A temática sobre a poesia contemporânea é ampla, não sendo possível tratá-la aqui na sua integridade.

³ Estilo literário que segue padrões formais estabelecidos; no caso da poesia, com rimas e métricas padronizadas, por exemplo.

⁴ Devido à sua extensão, optamos por não o inserir integralmente aqui, mas apenas os fragmentos que serão analisados.

Referências

- ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- BOSI, Viviana. Cinco pontas de uma estrela. *Revista Cult.*, Rio de Janeiro, n. 102, p. 44-49, 2006.
- CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. Entre estentores, estertores e extensores da poesia, um agora. In: PEDROSA, Célia; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros (Org.). *Poéticas do olhar e outras leituras de poesia*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006. p. 195-204.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DINIZ, Marcelo. Virando as latas do contemporâneo. *Revista Cult.*, Rio de Janeiro, n. 102, p. 50-53, 2006.
- FERNANDES JÚNIOR, Antônio. *Os entre-lugares do sujeito e da escritura em Arnaldo Antunes*. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.
- FERRAZ, Eucanaã. Tempo de poesia. *Cult*, Rio de Janeiro, n. 102, p. 42-43, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Esses poetas: uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- KOHAN, Walter O. *Infância*. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- KOHAN, Walter O. *Infância, estranheiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LARROSA, Jorge. O enigma da infância. In: _____. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. São Paulo: Autêntica, 2006. p. 183-198.
- MORICONI, Italo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- SACRAMENTO, Adriana R. et al. A experiência da palavra em *As coisas*, de Arnaldo Antunes. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 19, p. 3-21, maio/jun. 2002.

Para citar este artigo

PEREIRA, Anísio Batista. Exercícios de ser criança: sujeito e infância em Arnaldo Antunes e Manoel de Barros. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 2, p. 318-336, maio-ago. 2018.

336

O autor

Anísio Batista Pereira possui Graduação em Letras (Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (2013)) e Mestrado em Estudos da Linguagem (2016) pela Universidade Federal de Goiás-UFG/Regional Catalão, com bolsa da FAPEG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás), cujo trabalho integra à linha de pesquisa Texto e Discurso, com foco na AD de linha francesa; Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU, com bolsa da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), cujo projeto integra à linha de pesquisa Linguagem, Sujeito e Discurso; também possui Graduação em Licenciatura em Informática pela Universidade Estadual de Goiás-UEG (2007). Possui experiência como professor de Informática e Letras na Educação Básica e em cursos técnicos. É Membro-Pesquisador do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF/UFU/CNPq) do Instituto de Letras e Linguística da UFU (ILEEL). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Análise do Discurso e Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso político; letra de música e juventude; poesia no Brasil; Arnaldo Antunes e Manoel de Barros; práticas de subjetivação e constituição do sujeito.

Apoio e financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.